Sessão para o recebimento de Leonardo Mota

I

OTO DE ALENCAR SILVA e JOSÉ SOMBRA FILHO

LEONARDO MOTA

Mais de trinta anos se foram desde que, num educandário do sertão cearense, fui atacado do mal incuravel da literatice... Esse estabelecimento de ensino secundário, que era o "Ginásio S. José", na Serra-do-Estevão, tinha a dirigí-lo os Monges Beneditinos, e possuia uma sociedadezinha de colegiais, a qual se chamava "*Recreio Literário*". Responsabilizo tal "*Recreio Literário*" pela mania beletrística de que jamais me libertei e que, se nenhum proveito material causou, nenhum benefício importou, por igual, às letras indígenas.

Mas, aquele grêmio estudantil de minha descuidosa juventude, orientado por espíritos de mestres como os saudosos Alberto Montezuma, Adolfo Siqueira Cavalcante, Padres Emílio Leite Álvares Cabral e Joaquim Ferreira de Melo, este último hoje eminente Bispo da diocese gaucha de Pelotas, me obriga, quando a quando, a enternecidas recordações. Evoco-o, nesta hora festiva para a minha alma. Se foi no "Recreio Literário" do "Ginásio S. José" que eu comecei a delinquir contra os cânones da Arte Poética e os preceitos da Oratória, foi alí tambem que aprendí a admirar e benquerer talentos que lucilavam, num inequívoco aceno de prometimentos do que haveriam de ser e estão sendo, vida em fora.

Hoje, quando alvoroçado transponho o ádito da Academia Cearense de Letras, aos meus olhos se depara neste sodalício um daqueles companheiros

dos meus primeiros ensaios intelectivos:—Dolor Barreira, cuja ausência seria inexplicavel no elenco desta Ilustre Companhia, que congrega muitos dos valores exponenciais do Ceará mental contemporâneo. Mais de três decênios decorridos, destino amavel torna a reunir-nos, e, para completo gáudio de seu coração, o bisonho recipiendário desta noite vai ter como paraninfo o mesmo antigo colega de escaramuças tribunícias, quando ambos rapazelhos.

Como é diferente daquele que, há mais de seis lustros, nos ouvia, o auditório para o qual falamos hoje! Neste salão, florido pela sociedade e por tantos homens de pensamento da metrópole cearense, um público de escol se nos antolha, mas, àquele recuado tempo, quasi somente mestres e condiscípulos recolhiam as primícias de nossas inteligências. Raramente, da povoação vizinha, localizada a um quilômetro de distância da Abadia e do Colégio, vinham convidados para as nossas tertúlias escolares. Em meio a esses comparecentes, as pessoas gradas infaliveis, as «pessoas de cerimônia» deviam ser o Sr. França, agricultor *doublé* de chefe político, e a gordanchuda professora Dona Rosária. Mas, nós lhes não *ligávamos*. Nossa atenção convergia, de preferência, para as moçóilas serranas, que não chegavam para as encomendas dos olhares lânguidos de uma centena de adolescentes enclausurados sob infrangivel disciplina monástica e, assim, famintos de namoricos platônicos.

Na nossa ingenuidade recitávamos versos lamechas, inspirados pelo constante manuseio das "Primaveras" do tristonho Casimiro de Abreu, único livro de poesias que a vigilante censura caseira nos permitia deletrear. Lembro-me do figurão que acreditei estar fazendo, certa vez, ao declamar, atrevidamente de olhos fitos numa *dulcinéia* esquiva, as estrofes do "Amor e Medo", do tímido e indeciso vate fluminense... Lembro-me dos sucessos que importavam os pomposos discursos de Dolor Barreira, todos eles vasados em estilo grandiloquente, o que, nas aulas de Literatura do quinto ano, fazia com que o Professor Alberto Montezuma assim definisse os seus três alunos: — «O Dolor Barreira tem o estilo sublime, o Clovis Moura o estilo simples, o Leonardo Mota o estilo temperado...» Lisonjeava-me, palavra, lisonjea-

va-me saber que ao meu *estilo* davam o mesmo qualificativo com que se preconizava o ameno clima da montanha em que vivíamos...

Atentai na engraçada parábola de meu destino:—jovem, gabavam-me o estilo *temperado;* homem feito, más linguas me acusam de *intemperança...*

Dos alcantís da Serra-do-Estevão se descortina um dos mais sugestivos panoramas cearenses:—intérmina planura sertaneja só interceptada pelos monólitos que montam guarda à cidade de Quixadá; o casario desta, de cujo centro se eleva a esguia torre branca da Matriz; a bacia do açude do Cedro, reverberando as cintilações do sol, ou a branda luz do luar; as vazantes do Riacho-Verde, como um borrão glauco numa paisagem pardacenta; a torcicolosa estrada que, a principiar da ladeira do Engano, comunica a serra com o sertão e que parecia enorme serpe imovel, aquí e alí escondida pelo mato adjacente; ao longe, muito ao longe, os cabeços da Serra-Azul eriçando a linha do horizonte; e, para tormento de minha saudade, ao norte de Quixadá, o ponto branco da casa grande do sítio Herval, residência de meus pais...

Num cenário qual aquele, e numa idade qual a nossa, não podíamos deixar de fazer pé de alferes à inefavel *Virgem Loura* de Casimiro de Abreu, de vez que a férrea disciplina do internato nos vedava o colóquio com as musas de carne e osso. Nossos estudos eram áridos, razão por que, ajeitando rimas e filigranando fantasias em prosa, simultaneamente nós nos recreávamos e fazíamos o noviciado do beletrismo.

* * *

Não foi «tapetado de rosas e boninas» o caminho pelo qual, vindo do "Recreio Literário", cheguei à Academia Cearense de Letras.

Mas, nesta noite cabem apenas suaves rememorações, e eu, que «nunca descrí de ser o vencedor», esqueço as horas tristes e tormentosas, para todo me entregar ao júbilo e desvanecimento de me haverdes admitido neste sodalício, a que eu não era completamente estranho.

* * *

Muita gente supõe ter sido a Academia Brasileira de Letras planeada por Lúcio de Mendonça, em 1896.

Medeiros e Albuquerque, sem que nisso porfiasse na caça de uma benemerência, provou que a idéia de fundação da Academia fora dele, Medeiros, que a submetera, em 1889, a Aristides Lobo, ministro do generalíssimo Deodoro. O próprio Lúcio de Mendonça proclamou isso em artigo de sua autoria, e Belisário de Sousa, ao receber Medeiros no Silogeu de Niterói, dizia que Medeiros era «o avô da Academia Brasileira e, portanto, o bisavô da Academia Fluminense».

Sem que reclame lauréis para mim, ouso asseverar que a reorganização da antiga *Academia Cearense* de 1894 em *Academia Cearense de Letras* foi iniciativa minha, em 22 de Março de 1922.

De regresso do Rio-de-Janeiro, onde assistira à publicação de meu livro "Cantadores", fui recepcionado no "Salão Juvenal Galeno", numa inolvidanda festa, a que assistiu Justiniano de Serpa, então Presidente do Ceará. Em meu agradecimento à enleante homenagem dos cerebrais coestadanos, detive-me em referir o que observara através do Brasil: – grêmios literários florescendo em quasi todos os estados, numa afirmação radiosa do espírito gregário que fraternizava os escritores provincianos. E, lamentando que aos literatos da *Terra da Luz* faltasse um orgão coordenador de suas atividades, concitei os meus confrades a nos nuclearmos numa Academia Cearense de Letras. Tive até a solércia de lembrar que assim como, quando da fundação da Academia Brasileira, fora aproveitada a circunstância de o Ministro do Interior ser o sociólogo Alberto Torres, tambem para a criação da congênere cearense não devíamos malbaratar a oportunidade de termos na governança de nossa terra o eminente Justiniano de Serpa, que, antes de se tomar de amores pelas letras jurídicas e pela ciência da administração, antes de ser proclamado no Congresso Nacional *leader* da consciência legislativa do país, fora, nos albores inquietos da existência, um dos poetas dos escravos cearenses e um dos componentes do "Clube Literário" de 1887 e do "Centro Literário" e da "Academia Cearense", de 1894.

Transpagino para aqui o breve e comprobatório trecho de uma crônica de Antônio Sales, publicada naquela época: — «Uma noite destas, em sua conferência em casa de Juvenal Galeno, o atual Redator-Chefe do "Correio do Ceará", Dr. Leonardo Mota, tendo verificado a importância e eficiência das Academias de Letras que existem nas capitais por onde passou, proclamou a necessidade de possuirmos uma corporação similar. Eu estava sentado, neste momento, ao lado do ilustre Presidente do Ceará, que, há cerca de trinta anos, faz parte da Academia Cearense, e creio que foi isso que me impediu de observar, em aparte: — *«Mas, Leonardo, nós já temos uma Academia aquí!»* Temos uma Academia, é certo, mas tão mergulhada em seu sono letárgico, que um homem de letras e um jornalista, como Leonardo Mota, não tinha noção de sua existência.»

Nem podia deixar de ser assim, digo eu. Em 1914, cessara de circular a Revista da Academia Cearense e perdia-se no esfuminho do pretérito a data em que pela vez derradeira se reunira aquele areópago de letrados.

No dia imediato ao de minha arenga no "Salão Juvenal Galeno", Justiniano de Serpa chamava-me ao Palácio do Governo e, ali, desde então, em sua companhia e na de Tomaz Pompeu e do Barão de Studart, começou o cotidiano trabalho de composição do primeiro quadro social de membros efetivos da nascitura Academia Cearense de Letras.

Estabeleceu-se preliminarmente que a nova instituição seria mera reconstituição da primitiva Academia de 1894, aumentando-se para quarenta o número de Acadêmicos. Foram assim aproveitados para a nova sociedade os oito consócios sobreviventes e domiciliados aquí, passando para a categoria de correspondentes os que não mais residissem em Fortaleza, a exemplo de Eduardo Studart, Franco Rabelo e Eduardo Salgado.

A 17 de Julho efetivava-se nossa primeira reunião, e, aos 8 de Setembro de 1922, no primeiro dia do segundo século de nossa emancipação politica, se realizava a sessão solene de instalação da Academia Cearense de Letras. Covertia-se, destarte, em realidade meu acariciado sonho de menos de um semestre atrás.

De que fui o idealizador da Academia Cearense de Letras, um incidente dá testemunho. Numa das sessões em que se discutiam nossos Estatutos, conservava-me alheio aos debates, quando Justiniano de Serpa me instigou:—«E você, que é que diz? *FAZ A ACADEMIA* e se desinteressa por sua lei orgânica?!»

Não reivindico, porem, para mim a ufania de haver feito nascer a Academia Cearense de Letras de 1922. Essa glória deve ser atribuida a Justiniano de Serpa, sem cuja inestimavel prestimosidade minha sugestão de 22 de Março teria sido semente atirada em lagedo. Ele empenhou-se veramente em fazer à Academia todo bem possivel. Conseguiu que a Assembléia Legislativa a declarasse de utilidade pública e, em Mensagem de 16 de Outubro de 1922, chegou a pleitear da Câmara Estadual autorizasse o Poder Executivo a adquirir um prédio em o qual pudessem os Acadêmicos realizar suas sessões.

A *Academia Cearense*, de 1894, teve em Studart e Pompeu seus mais preclaros servidores. Da *Academia Cearense de Letras*, de 1922, o ínclito animador foi Justiniano de Serpa.

Ainda bem, Senhores, ainda bem que o meu retorno à Academia se está verificando sob um tecto glorificado pelo nome daquele caboclo filho de Aquiraz, autêntico intelectual que a política não estragou nem perverteu!

* * *

Para mim, pelo menos, a cadeira nº. 28, que a vossa magnanimidade não me negou, é, nesta Academia, das de mais dificil preenchimento ou sucessão. Ela tem como patrono Oto de Alencar Silva, e seu primeiro ocupante foi José Sombra Filho.

À semelhança de João Ribeiro, no seu discurso de posse na Academia Brasileira e ao fazer o elogio de Luiz Guimarães Júnior, confesso-me «sem a dignidade espiritual necessária» para uma dissertação sobre aqueles nomes que tanto exalçam a poltrona ora banalizada por meu desvalor.

Ao medíocre folclorista, ao mofino rapsodo dos menestréis plebeus a sorte põe, face a face, com um matemático e um filósofo... Incongruências deste

jaez pululam, aliás, na história da "Casa de Machado de Assiz". O jurisconsulto Pedro Lessa não teve assento no *fauteuil* do cantor elegíaco do "Evangelho nas Selvas"? e o aviador Santos Dumont no do filósofo Tobias Barreto? e o médico Miguel Couto no do estadista Visconde do Rio-Branco? Mais:—o higienista Osvaldo Cruz não sucedeu ao poeta d"As Pombas"? o clínico Austregésilo ao filólogo Heráclito Graça? o piedoso Arcebispo Dom Silvério ao periodista que, convidado para escrever sobre o Domingo da Ressurreição, perguntava ao diretor do jornal se queria o artigo a favor ou contra Jesús-Cristo?

De qualquer forma, é constrangido que eu, aluno reprovado em Geometria e Álgebra no meu terceiro ano de preparatórios, começo a falar da cerebração altíssima, cujas cogitações jamais foram de meu pendor.

Oto de Alencar é um nome sideral da ciência brasileira. Havendo vivido menos de 38 anos, ou fosse de 3 de Agosto de 1874 a 25 de Fevereiro de 1912, quando a morte lhe abriu sete palmos de terra, a sua fama, de há muito, se irradiara para alem do Continente, impondo-se nos grandes centros culturais do Velho Mundo.

Desse sapientíssimo cultor das ciências exatas é licito dizer-se qne foi em Fortaleza, onde nasceu, verdadeiramente um «menino-prodígio». Em seu gênio precocemente revelado, conforme o testificam coevos, era «assombrosa a intuição, eram pasmosos os conhecimentos das matemáticas elementares».

Ainda quasi criança e já habilitado para o curso superior, ei-lo matriculado na Escola Politécnica da Capital Federal.

Afonso Taunay descreve o colega cearense, tipo do exquisitão, não obstante tão jovem:

«Oto de Alencar nunca foi um *estudante brilhante*; pelo contrário, ignorava totalmente a arte de *fazer exames*. Ao que os mestres lhe perguntavam respondia incisivamente, mas sempre lacônico e glacial. Repugnava-lhe fazer alarde dos conhecimentos e parecia encarar os atos como meras formalidades, enfadonhas quanto possivel, a que era preciso sujeitar-se. Colegas havia que, às vezes, al-

cançavam notas melhores que as suas; mas nenhum por isso se julgava capaz de com ele competir. Se os lentes nem sempre o distinguiam com os mais altos graus de aprovação, faziam-no devido a certa impressão desagradavel que lhes causavam as suas provas orais, uma atitude acanhada, revestida de glacialidade e abstração.

«Era, então, uma personalidade singular em que, à primeira vista, ressaltavam as faces que caracterizam os homens de inteligência fora do comum.

«Sombrio, taciturno, reconcentrado, pouco sociavel, tinha o aspecto de um eterno abstrato; por trás dos óculos espessos, brilhavam-lhe os grandes olhos, ausentes e sonhadores. Muito poucos eram os que lhe conseguiam alcançar a intimidade. Não havia, entretanto, em sua atitude o menor vislumbre de soberbia, sequer de pouco caso. Passava indiferente a tudo e a todos.

«Real bondade lhe animava o coração no meio daquela frieza de aspecto:—era um colega solícito, desde que lhe pedissem os préstimos; nas épocas de exames, passava semanas a fio a explicar os pontos de uma série de cadeiras, as mais diversas, a muitos examinandos em apuros, alguns dos quais lhe haviam sido apresentados no momento, por amigos comuns. Tudo isto, entende-se, gratuitamente.»

Engenheiro civil aos 19 anos, Oto de Alencar balanceou as próprias forças e sentiu que podia enfrentar a cátedra do magistério. Preferiu a livre docência a sacrificar os seus vastos conhecimentos na penumbra do viver inglório de simples empreiteiro de construções.

Aos 30 anos, já reputado o maior matemático patrício, ascendeu ao posto de catedrático da Escola Politécnica, lugar que disputou sem competidores, tamanho o respeito que seu nome infundia, tal a certeza do fracasso de quem ousasse medir-se com ele num concurso.

Mestre, Oto esparziu, a mancheias, o mirífico, o incomparavel cabedal de saber de que era detentor. Física Experimental, Geometria Analítica e Cálculo Diferencial e Integral, Astronomia e Geodesia, Electrotécnica e Ótica aplicada à Engenharia, Topografia, Hidrografia e Legislação de Terras, Mecânica Ra-

cional, Mecânica Aplicada e Resistência dos Materiais, Termo-Dinâmica e Máquinas, Cálculo das Variações—foram as disciplinas que Oto professou no alto instituto de ensino, que lhe perpetuou a memória no bronze de um busto.

E, enquanto se imortalizava na lembrança dos discípulos, solidava o seu renome no apreço de núcleos de cientistas, como a Sorbona, de sábios de reputação mundial, como Henri Poincaré.

O proficiente analista da Lei de Descartes e da Fórmula de Stockes colaborou assiduamente nas maiores revistas européias de estudos da sua predileção, quais o "Bulletin des Sciences Mathématiques" e "L' Enseignement Mathématique", de París, o "Jornal de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais", de Lisboa, e o "Jornal de Ciências Matemáticas e Astronômicas", de Coimbra e do Porto. Não é estranhavel que ele escrevesse a periódicos de alem-Atlântico para neles perpetuar o fruto opimo de suas diuturnas lucubrações. E' de Lúcio Martinz Rodrigues este reparo elucidativo:

«Comportasse o nosso meio científico o desenvolvimento da Alta Análise Matemática, da Mecânica Celeste, da Física Matemática, como se faz e se tem feito, por exemplo, em cursos como o da Sorbona, por professores da ordem de Picard, Poincaré, Tisserand e outros, teria Oto de Alencar o verdadeiro cenário para as suas magistrais publicações.»

João Luso, no livro "Elogios", traceja o perfil de Oto de Alencar, e ele, aí, nos aparece tal qual no-lo apresenta tambem Afonso de Taunay: carrancudo, ar de quem sobrepairasse no mundo das abstrações, um ser humano «a quem fatalmente se atribuiam as distrações e as exquisitices peculiares à espécie anedótica dos sábios.» Mas, João Luso distingue:—dentro do Oto gravibundo havia um outro Oto «muito simples e afavel, rapaz encantador, cheio de graça, de alegria, da mais fina e comunicativa jovialidade.»

Esse Oto comunicativo não era, porem, alma que se escancarasse. Só uns raros, uns intimos chegavam a conhecê-lo sob essa feição camaradesca. Oto de Alencar era um virtuose do piano e, sabendo Vag-

ner de cor e salteado, às vezes interrompia intempestivamente o "Tannhäuser" e desandava brincalhonamente em brejeiras músicas populares como o "Bate-Bife".

Certa noite, num hotel de Teresópolis, improvisou-se um serão musical.

Instado a dedilhar as teclas, Oto aquiesceu, não sem constrangimento, e, em plena tocata, porque mocinhas trêfegas comecem a cochichar, desatentas à execução, o artista excêntrico, «*sem se indignar, sem se alterar, sem nenhuma pose, concertando impassivelmente as lunetas, abandona o piano e sai do salão*»...

Antônio Sales referiu-me que a maior afeição de Oto de Alencar era o médico cearense Dr. José Nava, o buliçoso *Gil Navarra*, da "Padaria Espiritual". Juntos, Oto e José Nava, pareciam duas crianças, pela infantilidade de seus entretenimentos. De uma feita, Sales os encontrou papagueando o idioma embrulhadíssimo dos petizes traquinas. Queria saber o Nava:

—*Vô-pô-cê-pê é-pé meu-peu a-pa-mi-pi-gó-pó?*

E o Oto, sem pestanejar:

—*Sou-pou, sim-pim...*

As cogitações austeras de Oto de Alencar não empeciam seu amor à música, mas o faziam desdenhar os rimadores. Ele disse, uma ocasião, confiadamente, a Antônio Sales:—«*Nada maior, neste mundo, que o desprezo de um matemático por um poeta!*» Ao que Sales obtemperou, em cordial revide: —«*Maior que o desprezo de um matemático por um poeta, só o desprezo de um poeta por um matemático!*»

Oto comprazia-se, deliciava-se em pregar peças ingênuas e infantís às pessoas de sua amizade. João Luso estava em Teresópolis, quando recebe, do Rio, cabalístico recado telegráfico de Oto:—«*Sigo levando as seis caldeiras.*» João Luso fica intrigado, sem saber de que proezas o «exquisitão» seria capaz. Ignora que caldeiras sejam essas e atrapalha-se, atarranta-se no arranjo da devida condução para as mesmas. Vai esperar o trem e deste vê apear-se o cientista. Pergunta pelas caldeiras e Oto, sorridente, retira do bolso um livro:—intitulava-se "*As seis cal-*

deiras" e era da autoria de um físico inglês ou alemão... O transmitente do telegrama não pusera os pontos nos *ii*, por não imaginar que o destinatário ignorasse do que se tratava...

É ainda João Luso quem narra que, em determinada época de sua vida, foi surpreendido por extensa carta, na qual, em cinco enormes folhas de papel quadriculado e sem nenhum propósito, Oto dissertava sobre certo princípio científico, de que, então, na Europa, se começava a falar. João Luso confessa que, alheio aos estudos de Oto, da teoria deste não colheu senão uma idéia muito vaga...

Deus me perdoe, mas desconfio que o mesmo sucedeu ao saudoso Barão de Studart, com quem Oto se carteou, ministrando-lhe esclarecimentos a propósito de transcendentes questões que jamais foram das cogitações de um historiógrafo... Uma dessas missivas pode ser lida em o número décimo-oitavo da Revista da Academia Cearense, ano de 1913.

Da vida anedótica de Oto de Alencar merece mencionado um episódio tragi-cômico: — aludo a uma frustra experiência radiológica, das primeiras que se fizeram no Brasil. De tal experiência resultou o acidente que ia vitimando um curioso acadêmico. Esse estudante tornou-se o distinto médico Cesar Rossas, que ainda hoje mostra no rosto os sinais das graves rádio-dermites recebidas...

O patrono da cadeira nº. 28 da Academia Cearense de Letras teve estudos seus de divulgação disputada pela Academia de Ciências de Lisboa, a exemplo da crítica à "Síntese Subjetiva", de Augusto Comte. Nesse trabalho, expressivamente intitulado "*Quelques erreurs de Comte*", Oto de Alencar— conforme ele próprio explicou em carta ao Barão de Studart—demonstrou que alguem pode ser «um grande filósofo e um medíocre matemático», à semelhança do criador da ortodoxia positivista...

Mesmo no terreno das realizações práticas, o conspícuo fortalezense faz jus à gratidão nacional. Qual é um dos feitiços, de que se envaidece aos olhos do turista surpreso a maga *Cidade Maravilhosa?* É, sem dúvida, a estupenda iluminação que lhe vale a antonomásia de *cité féerique*, e essa iluminação é devida a Oto de Alencar, que a remodelou, dando

ao Rio o suntuoso colar de luzes que adorna as curvas graciosas da Guanabara, ao longo da Avenida Beira-Mar.

Afonso Taunay, o minudente e carinhoso necrólogo do didata da "Teoria dos Erros", conceituou, com acerto:

«Ante a sepultura de Oto de Alencar Silva, parece-nos ver o gênio tutelar da Pátria Brasileira repetir ansiosamente as palavras arrancadas a Laplace pela notícia da execução de Lavoisier:—«*Quantos anos hão de decorrer até que possa a Nação produzir uma mentalidade semelhante a esta?!...*»

* * *

Se não tive a fortuna de conhecer Oto de Alencar Silva, a José Sombra admirei, de perto, e quis bem, de coração.

Em referência a esse a quem *sucedo, mas não substituo*, pode ser parodiado o que de Olavo Bilac escreveu Goulart de Andrade:—«Foi a mais perfeita flor da civilização cearense.»

José Sombra era a alma delicada que deliciava os nossos círculos intelectuais com as ternuras de uma gentileza imutavel e de uma bondade perene. Singelo e sem asperezas, engrandeceu-se serenamente, sem forçar passagens, tendo sempre nos lábios uma palavra de meiguice para os que distinguia com a sua estima, e um sorriso de perdão para os que se irritavam com a mansuetude de seu plácido existir.

Em sentida página de saudades, Djacir Meneses grafou que, vendo passar o esquife de José Sombra, monologara o que Eça de Queiroz, em igual circunstância, dissera de Antero de Quental:—«Ele era um gênio e era um santo.»

Olhando-o, muita vez me veio à lembrança a confissão de um idealista argentino:—«*Mis ojos son los de un hombre que ha aprendido como el vivir es un dolor.*»

Em José Sombra, conformemente em certo notavel pensador, «um superior idealismo cristão se juntava à mais invencivel melancolia, mas a sua tristeza não era amarga, nem cruel: era uma fonte cristalina de ternura e de amor». Andrade Furtado

acertou, ao lhe traçar o perfil psicológico:— «José Sombra foi um gênio melancólico, sem que essa melancolia denunciasse outra coisa que a preocupação constante de desvendar, dentro do próprio eu, o mistério das idéias... Trazia sempre à flor dos lábios um sorriso de dorida e ignorada ansiedade. Deixava-me a impressão de quem guarda consigo a nostalgia de um bem indefinivel.»

José Sombra faleceu precisamente no dia em que completava quarenta-e-nove anos e um mês, pois que viera à vida em 21 de Março de 1883, e o ciclo de sua peregrinação terrena se fechou aos 21 de Abril de 1932. Nasceu ocasionalmente em Viena d'Áustria. Seu pai, recentemente doutorado em Medicina e consorciado, empreendera, com a esposa, uma viagem de estudos aos centros científicos europeus, o que explica o nascimento do filho longe dos céus do Ceará.

Orfão de pai aos cinco anos incompletos, teve a lhe guiar a meninice o Dr. Barão de Studart, com quem sua genitora se casara, depois de um ano de viuvez. Aos quinze anos, era orfão de pai e mãe. Evoco esses fatos, afim de que se aquilate o muito que a formação de sua fisionomia moral deveu ao espírito luminoso e boníssimo de seu padrasto. Isso, que ora digo chãmente, Jorge de Sousa disse-o com brilhantismo, quando opinou, à beira da sepultura de José Sombra:—«Para a sua austeridade de vida e de costumes, só poderia ter servido de decalque aqueloutra dos varões de Plutarco. É que os rudimentos básicos da formação do espírito e do carater, ele os recebeu e soube aprimorá-los, ao influxo benéfico dessa pedagogia inigualavel na eficácia dos preceitos: a que vem do berço das tradições patronímicas, do exemplo e ensinamentos da Família, forte manancial de estímulo avigorante para o cultivo do sentimento e da razão.»

A juventude de José Sombra defluiu tranquilamente, em meio aos estudos liceistas. Cedo, nele repontou a paixão das belas-letras. Foi, em 1899—aos 16 anos—,um dos fundadores da sociedade "Iracema Literária», e, no ano seguinte, um dos redatores da revista "Praça do Ferreira".

A princípio, o vernaculista Torres Portugal, catedrático do Liceu, previu e predisse o esplendor

do futuro de José Sombra em matéria linguística, talqualmente, mais tarde, outro Mestre—Farias Brito —,lente de História Universal, teria de se impressionar com a vocação do pequenino discípulo para o alto remígio das cogitações filosóficas.

O tirocínio acadêmico propiciou voos mais largos ao seu talento em plena fulguração. Entre os seus triunfos quando estudante de Direito, sobressai o discurso que, como representante da classe, proferiu em 1905, por ocasião da festa ânua, comemorativa da instalação dos cursos jurídicos no Brasil.

Bacharel em 1906, não ingressou na advocacia militante, nem na magistratura. À sensibilidade artística daquele esteta repugnava o trato prosaico dos praxistas forenses, o lidar desgracioso com as bolorentas fórmulas tabelioas. Era inapagavel nele o gosto pela literatura, pelo magistério, pelo jornalismo e pelos estudos filosóficos. Frequentou a tribuna das conferências e deu-nos lapidares páginas, em «palestras» como "*A falência da moral leiga*", recitada no "Círculo Católico" ; "*José Albano*", dita no "Salão Juvenal Galeno", "*Contra o Alcoolismo*", lida na "Associação dos Merceeiros", e "*O Feminismo*", pronunciada no "Clube dos Diários".

Do que José Sombra valia como tribuno, todos guardamos vívida lembrança. Quando ele se erguia, a assistência ficava presa aos eflúvios e magia de seu verbo colorido e sedutor. Sóbrio nos gestos, a frase lhe irrompia agil, sonora e tersa, enleando os ouvintes na trama das louçanias de um estilo faceto.

Paraninfando as professorandas de 1924, tinha apóstrofes como esta, ousada naqueles ominosos tempos da chamada *Pátria Velha* : — «*A política é, no Brasil, a triste ceifeira dos maus destinos. Bastaria que ela não interviesse com seus interesses e paixões, com a sua ação corrutora no domínio destas duas atividades,—a Justiça, que é a garantia do presente, e o Ensino, que é a garantia do futuro, para que imediatamente se transformasse o cenário social do país.*»

José Sombra foi, inquestionavelmente, um orador de predicamentos invulgares. Fazendo o elogio fúnebre de Justiniano de Serpa, ele observava que idéias nítidas e entusiasmo constituem o segredo da

eloquência, porquanto «*não se persuade sem clareza nas idéas, não se impressiona ou domina uma assembléia sem entusiasmo*».

Desdenhava o fraseado campanudo e oco. E lastimava: — «*A literatura brasileira é uma literatura de poetas. Nela dificilmente se encontra este nobre tipo intelectual que é o pensador. O brasileiro é amigo do idealismo vago, é apaixonado da cultura verbal e de artifícios de retórica. Foge das questões concretas e, fascinado pelo diletantismo, tem horror ao esforço demorado e contínuo.*»

A imprensa seduzia José Sombra, mas a grosseiria, a brutalidade dos processos jornalísticos de há dois ou três decênios determinou fosse rápida a sua passagem pelo periodismo estadual. Enojou-o a pasquinice em voga. Substituto de Soriano de Albuquerque na direção do "Diário do Estado", não se aguentou sequer um mês no posto, e, menos de noventa dias depois, seu sucessor era assassinado, a faca, sangrado na carótida... Com a brandura e mansidão de seu temperamento, com a sua devoção pelas boas maneiras, não era homem talhado para as capadoçagens da palavra escrita, jamais se aparceiraria com os cafajestes e cangaceiros da pena. Talento aristocrático, floreteava elegantemente a ironia. Era fidalgamente, com punhos de renda e não de mangas arregaçadas, que ele esgrimia a controvérsia. Possuia, como reparou José Lino, aquilo a que Taine chamava «*o respeito à dignidade humana e a higiene do talento*».

Farias Brito foi o doutrinador que mais influiu no espírito de José Sombra.

Ao se candidatar a uma cátedra na Faculdade de Direito deste estado, a tese de concurso apresentada por José Sombra versou "*A idéia do Direito na filosofia de Farias Brito*". Como ele se retratava a si mesmo, retratando o Mestre !—: «*Contemplativo à maneira de Jouffroy, vivendo mergulhado no seu próprio eu, de gênio melancólico, mas de uma melancolia viril, melancolia que não é enfermidade de espírito, mas reveladora de meditação profunda, Farias Brito parecia pensar como Amiel, o delicado moralista suiço:* — «A ação nos limita, a contemplação nos dilata, a vontade nos localiza e o pensamento nos universaliza.» *Ele tinha a paixão da verdade, a sede do in-*

finito. Diante do espetáculo do mundo, seu espírito não podia permanecer quieto, agitava-se insaciavel, procurando, por intuição, adivinhar a sutil essência da fenomenalidade universal, e se esforçando por fazer ressaltar a luz, do fundo tenebroso do incognoscivel.»

Verdade é que, a princípio, José Sombra foi um sectário da «filosofia do desespero». Ele próprio, ao descrever a visita que, em 1912, fizera a Guerra Junqueiro, na Europa, reconhecia que andava com o espírito atormentado por fatal pessimismo. «*Eu era um schopenhauriano convencido*»—revelou. «*Para mim valia como uma sentença inapelavel a frase do mestre de Weimar:* – «Nosso mundo é o pior dos mundos possiveis; o otimismo é uma observação inventada pelos professores de Filosofia.» *A leitura de escritores desabusados, como Stendhal, Nietzsche, Montaigne e Anatole, constituia o meu alimento espiritual.*» Até nisso, aliás, José Sombra patenteia afinidades com Farias Brito. Este, tambem, na sua juventude, foi influenciado por Schopenhauer. Apreciando a citada tese de concurso do meu predecessor nesta Academia, Jackson de Figueiredo frisou: — «*José Sombra sabe ver quanto Schopenhauer impressionou a mocidade de Farias Brito, mas soube tambem mostrar que, apesar disso, os dois filósofos chegaram a conclusões opostas, radicalmente opostas.*»

Houvesse José Sombra vivido no Rio-de-Janeiro, a sua atividade se teria estimulado, e a afeição paternal de Farias Brito por Jackson de Figueiredo teria sido com ele repartida.

O polígrafo equilibrado, que tão admiravelmente comentou o "Retrato do Brasil", de Paulo Prado, sabia encarar o problema da nacionalidade: – «*Enquanto não estiverem bem definidas as nossas características históricas, o valor e a influência das nossas condições geográficas, das nossas peculiaridades econômicas, da nossa composição demográfica; enquanto não forem bem elucidados esses assuntos, será baldado falar em sociologia brasileira. Compreende-se a unidade política e moral, apesar da heterogeneidade das raças que o povoam, num país como a Rússia, em que a igualdade geográfica da estepe infinda e monótona como que funde numa só obra as variedades étnicas; ainda se explica na Argentina,*

que é hoje uma grande nação imigrantista, porque lá o pampa imenso e fertilíssimo harmoniza num mesmo interesse, uniformiza num mesmo sentimento as raças vindas de toda parte do mundo, absorvidas e homogeneizadas pelo espírito novo que parece rebentar da terra fecunda, num destino de fartura e de beleza. Mas, no Brasil, a desigualdade das raças é mantida e aumentada pela variedade das condições geográficas, e favorecida ainda pela inconstância administrativa. Insulam-se alemães em Santa-Catarina, concentram-se polacos no Paraná, italianos em S.-Paulo, portugueses no Rio-de-Janeiro. O Nordeste é o grande laboratório dos nossos mestiços, onde estão indenes, por enquanto, de novas transfusões de sangue estrangeiro. As desigualdades de população criam as dos costumes, as da lingua, a dos interesses coletivos. Fala-se hoje de nortistas e sulistas, como de gentes antagônicas; de paulistas, mineiros e riograndenses do súl, como de povos à parte. Nessa desordem em que tudo nos vai separando, poderia nos salvar um ideal coletivo, que não temos e que urge criar e fecundar, quanto antes, por meio de uma vasta e forte organização educativa, pois só a educação conveniente pode unir os brasileiros na sua infinita divisão de pequenos interesses.»

Aí tivestes como pensava e como falava José Sombra, de quem Demócrito Rocha disse que «*talvez tenha sido, no seu tempo, no Ceará, o único homem que pensou tranquilamente, sem intencionalismo e com uma bravura ideológica tanto mais verdadeira, quanto é sabido que se arrimava unicamente em suas convicções, de que, aliás, nunca fez alarde.*»

Dói-me rememorar que a esse espírito de Eleito a morte nos arrebatou, mas como?—num acidente brutal, numa conjuração perversa, numa surpresa estarrecente e com uma crueldade arrepiante :—arrastando-o, como a um trapo, entre os destroços de um veículo e através das lages duras de um calçamento, despedaçando-lhe o corpo debil, arrebentando aquele crânio onde só se aninhavam pensamentos augustos, contundindo aquele peito onde só se abrigavam sentimentos generosos.

Quando o talentoso e infortunado jovem que foi José Nogueira se viu abatido, em 1914, por mão ho-

micida, José Sombra deixava cair da pena estas palavras que, volvidos dezoito anos, seriam aplicaveis ao seu caso:—«*Não é a Morte que é cruel, inevitavel destino humano. O que a torna estúpida, odiosa e terrivel é a maneira como ela, às vezes, vibra seus golpes, pérfida e traiçoeiramente, roubando à vida energias ainda em flor, suprimindo os bons, os fortes, os capazes, num afago de esquecimento para os maus, os fracos, os inuteis e os covardes.*»

Os funerais de José Sombra foram verdadeiramente apoteóticos, e eu asseguro que, raras vezes, uma vida se há apagado, no Ceará, assim tão eloquentemente ungida pela unanimidade da mágoa coletiva. Foi ponderação de Antônio Sales:—«*Existências belas como a de José Sombra, ainda no momento em que se extinguem, prestam serviço à comunidade, avivando-lhe a sensibilidade, despertando-lhe o sentimento de admiração e fazendo-lhe sentir o valor das nobres consciências e das inteligências superiores.*»

Não calo, aquí, uma circunstância, cuja evocação me compunge. Quando, em 5 de Janeiro de 1932, tomei posse da cadeira para que fora eleito pelo "Instituto do Ceará", coube a José Sombra saudar-me, em nome daquela agremiação cinquentenária. Ouvindo, enlevado, a palavra faceira do panegirista de meus esforços em prol do vicejamento de nossa literatura folclórica, longe estava de calcular que, menos de quatro meses depois, eu teria de fazer o elogio fúnebre de quem tanto requintava em complacências comigo e de quem, seis anos mais tarde, após prolongado período, em que houve como que um pudor de se lhe dar substituto, eu teria de estar sendo o sucessor na Academia Cearense de Letras.

Achego-me ao vosso convívio com um orgulho único:—o de poder exclamar que o meu predecessor nesta Academia encarnou o ideal do homem-símbolo de Carlyle—vencia «pela força do cérebro e pela bondade do coração».

*
* *

Sem as cavilações ciranescas de quem esconde o próprio sentir, não dissimulo quanto me enternece ver meu nome arrolado entre o que o Ceará hodierno possue de mais selecionado neste instante de sua vida literária.

Afastados temporariamente de nosso microcosmo intelectual, honram, lá fora, a Academia Cearense:—*Matos Peixoto,* professor de Direito; *Luiz Sucupira,* periodista católico; *Bení Carvalho,* poeta e prosador; *Elias Mallmann,* jornalista; *Mozar Firmeza,* crítico de arte; *Monte Arraiz,* jurisconsulto; *Adauto Fernandes,* tupinista; *Carvalho Júnior,* filólogo; *Amora Maciel,* o versicultor das "Cantigas de Pã"; *Teodoro Cabral,* poliglota a serviço dos interesses comerciais do Brasil na Tchecoslováquia. Como se vê, não só o pequenino Sergipe é «exportador de talentos»...

Malgrado essas ausências, que deploramos, o jornalismo aquí está com as penas pugnazes e prestigiosas de *Andrade Furtado, Demócrito Rocha* e *Martinz Rodrigues.* As letras médicas, modeladas nos mais puros padrões estéticos, estão conosco representadas por *Otávio Lobo, Fernandes Távora* e *Tomaz Pompeu Filho.* A poesia canta com *Cruz Filho* e *Júlio Maciel,* tal como a oratória elegante gorgeia no faceiro verbo de *Mozar Pinto.* Se, no ensino do vernáculo, *Martinz de Aguiar* pontifica, ninguem na mestria do Latim sobreexcede *Ermínio Araujo.* A História, sobretudo a do Ceará Colonial (e, ainda dentro desta, a crônica das tribus selvagens) seduz o labor indefesso de *Carlos Studart Filho.* A aridez, as anfratuosidades do jurismo são cepilhadas pelas louçanias estilísticas de *Dolor Barreira, Pontes Vieira* e *Clodoaldo Pinto.* O romance modernista possue em *Jader de Carvalho* um artista de técnica individual e enleante, como a eloquência sacra inscreve *Misael Gomes* na nobiliarquia em que cintila o nome de Valdivino Nogueira. *Antônio Teodorico,* encanecido no magistério, ainda escreve, qual se escrevesse no apogeu da maturidade. *Emílio Barbosa* é o traquinas humorista a piparotear os ridículos humanos em prosa pintalgada de verve, em estrofes esfusiantes de graça imprevista. Os irmãos *Linhares* emulam na paixão com que se entregam aos estudos de suas predileções:—*Joel* é o vernaculista que fez a análise magistral da linguagem purista de Alberto de Oliveira; *Josafá,* o equilibrado sociólogo perquiridor da inquietude contemporânea. Se as ciências naturais são o pábulo do belo espírito de *Renato Braga,* não apenas as letras bíblicas, mas tambem as investigações que condizem com a prosperidade da fortuna coletiva, alvoroçam o pragmatismo cons-

trutor de *Natanael Cortez*. Poeta e crítico, panfletário e direitista, a labuta poligráfica de *Antônio Furtado* é das mais intensas entre quantas se consumam nos ambientes provincianos do meio norte. E, *last, but not least*, *Tomaz Pompeu Sobrinho* e *Antônio Sales*... São os demiurgos desta instituição, no duunvirato de sua ascendência sobre as inteligências e os corações. *Pompeu*—que nome heráldico nos fastos de nossa existência mental! —*Pompeu* é o cientista enciclopédico, *Sales* o homem de letras, na mais erguida dignidade da expressão. O *right place* de Pompeu seria o Instituto Histórico Brasileiro; o de Sales, a Academia Brasileira de Letras. Bendita a modéstia que lhes aureola os merecimentos! A desambição fá-los inteiramente nossos, claviculários da glória da Academia Cearense de Letras, guardiães de seu renome na atualidade nacional.

* * *

Prazeirosamente, cumpro o dever protocolar de vos agradecer, não o chamamento que de mim tivesseis feito, mas a acolhida que vos solicitei e não me recusastes.

Quando, de início, rememorei a parte que, em 1922, me coube na transmutação da "Academia Cearense" em "Academia Cearense de Letras", pretendí insinuar, qual declarei, que eu não era de todo estranho a este cenáculo, não obstante só agora me enfileire entre os refundidores do mesmo em 1930.

E, pois que nestes falo e já me reportei aos vivos, pronuncio com afeto os nomes dos companheiros mortos. Destarte, na noite de minha venturosa integração no vosso elenco, terei reverenciado quantos constituem a família espiritual de nosso grêmio.

A morte já nos arrebatou quatro de nossos mais autênticos e eficientes valores:—Papi Júnior e José Sombra, Leiria de Andrade e Valter Pompeu.

Papi Júnior... Afigura-se-me estar a vê-lo com aquele ar desconsolado de quem, cruciado por padecimentos físicos e moralmente torturado pelo esquecimento dos contemporâneos, esmava em meio à turba, sem que esta abrisse alas à passagem do glorioso cinzelador de tantos romances magníficos.

Leiria de Andrade e Valter Pompeu.... Como que a morte caprichou em nos pungir com requintes de

crueldade, roubando ao nosso convívio esses elementos, sem a ação entusiástica dos quais a Academia de 1894 e 1922 não se teria reorganizado em 1930. Lembremo-nos. Foi à noite, como agora, e no prédio n.º 862 da Rua 24 de Maio, em reunião presidida por Leiria de Andrade, que ficou assentada a refundição da Academia Cearense de Letras. E a casa em que isso se verificou era a residência de Valter Pompeu, o idealizador e mais ardoroso propugnador do vitorioso cometimento.

Valter Pompeu, mocidade crepitante! Leiria de Andrade, maturidade opima! Papi Júnior, curvado ao peso da própria glória! Não os encontro aquí para o meu amplexo fraternal, mas cortejo a memória daqueles cujo convívio restará indelevel nas nossas remembranças, inapagavel na nossa recordação mais docemente afetiva.

* * *

Aquí me tendes, senhores Acadêmicos.

Detesto os arrebiques da modéstia convencional. Se anuistes em me terdes convosco, foi porque algo esperaveis de mim; se me encorajei a pleitear vossos enaltecedores sufrágios, foi porque alguma coisa vos podia oferecer:—um labor incessante, acendrado na mais incorrutivel devoção ao nosso bem amado Ceará.

II

DOLOR BARREIRA

Leonardo Mota

A mim mesmo, em verdade, é que cabia receber-vos, no vosso ingresso à Academia Cearense de Letras. Eu que não outro é que haveria de dar-vos as mãos, ao penetrardes os humbrais do augusto sodalício, onde, em contraste com o meu humílimo nome—um dos seus inexpressivos componentes—, rebrilham e refulgem, na mais esplêndida das constelações, os nomes por excelência representativos da intelectualidade da terra de Alencar.

Não que sobreexcelisse aos meus confrades em valimento, que não tenho, e a que não aspiro, pois —repetindo a frase desenganada de José Bonifácio,

o Moço—«nada sou, nem nada quero ser». Não que, nos domínios do pensamento, houvesse semelhança de vocações, ou atração, da parte de nós dois, pelas mesmas idéias. Muito ao invés, o nosso destino espiritual rumou, em todos os tempos, por direções opostas, indo eu para o direito, para o foro, para a cátedra ; vós, para a beletrística, para a oratória, para o folclore. Nada disso.

Mas é que, tendo permanecido, em cata de saber, cerca de um lustro, ao lado um do outro, sob a mesma direção moral e religiosa, no inolvidavel Ginásio de S. José, alçapremado nos alcantís da Serra-do Estevão; é que, vindos dalí, daquele veio de boa e sã ciência, onde, ao influxo da cultura e da disciplina dos Filhos de S. Bento—homem de diamante, como o chamou o Papa Zacarias—, entre os quais se destacavam—verdadeiros expoentes—as figuras veneraveis de d. Maurício Prickzi e d. Ruperto Rudolph, se formou o nosso espírito e nos abastecemos dos conhecimentos fundamentais necessários para mais seguras conquistas, nas futuras lides da inteligência, sempre nos consideramos como irmãos, e como irmãos ainda nos tratamos, timbrando em viver e reviver aquela quadra, de inexperiência juvenil e de risonhas esperanças, cujos magníficos coloridos o tempo, com todo o seu poder de destruição—que ele é o implacavel iconoclasta—, não conseguiu destingir da nossa memória; e, sendo assim, os direitos fraternos teriam de fazer valer as suas preferências, para as saudações do estilo, no momento em que sois chamado a incorporar-vos ao benemérito grêmio, que ora aquí se reune, por entre os esplendores desta festa.

Leonardo Mota: sem dúvida—e esta constitue, para nós dois, a página íntima deste desalinhavado discurso, porque, desenterrando e galvanizando um passado de quasi trinta anos, vai provocar emoções, que somente nós dois podemos sentir—,haveis de ter bem vivo, na tela da vossa saudade—e a oração, acabada de pronunciar, no-lo significa—, o Ginásio de S. José, no seu aspecto exterior de convento, na brancura interior das suas paredes, recortadas de portas, que davam para os seus diversos compartimentos, tudo contornando e circundando vasta área, que a meninada, à hora alvoroçada dos recreios, fa-

zia vibrar com os seus saltos, os seus gritos, os seus assobios, as suas brigas, os seus pugilatos, a sua jucunda, estuante e interminavel alacridade ; o Ginásio de S. José, obra daqueles santos Monges, onde se prodigalizava o mais sadio, o mais sólido ensino humanista, onde, com efeito, a mocidade de então vinha abeberar-se, em fecundíssimos haustos, dos mais variados conhecimentos:—de linguas vivas e mortas, de ciências físicas e naturais, de matemáticas, desde as suas mais simples até às suas mais complexas modalidades, de história, quer universal, quer do Brasil, de literatura, nacional e alienígena ; o Ginásio de S. José, a que, ambos, devemos o vigor e segurança das nossas humanidades, que nos tem sido tão profundamente proveitosas, na minha e na vossa carreira, e após deixarmos o qual, depois que já se preparara, e lançara aos azares do século, uma turma de bacharéis em ciências e letras, paraninfada pelo Barão de Studart, o glorioso beneditino da história do Ceará, ainda o visitei por duas vezes, uma delas em vossa companhia, enchendo aqueles recantos, então tão silenciosos e quietos, mas tão povoados de doces recordações de uma despreocupada adolescência, das lágrimas insopitaveis—porque não confessá-lo?—da minha emoção e da minha saudade.

Haveis de lembrar-vos—e o vosso discurso o revela—que, seguindo, juntos, todo o curso, chegamos, alí, ao quinto ano, de cujas cadeiras nos foram subministradas as magistrais lições, que ainda soam, em ecos longinquos, mas nítidos, aos meus ouvidos, de Joaquim Ferreira de Melo, atual Bispo de Pelotas, de Alberto Fiuza Montezuma, arrebatado, pela morte, à admiração dos seus contemporâneos, na plenitude da sua poderosa cerebração, e de Carlos Ribeiro, hoje notavel bacteriologista, nesta invicta cidade, chegamos ao quinto ano—repito—Clovis Moura, vós e eu. Pelo que toca ao estilo—se de estilo se pode falar naquela nossa idade—,visceralmente diferentes: Clovis, a simplicidade, elevada à sua mais alta potência ; eu, a frase campanuda, empolada, bombástica, a frase nos seus efeitos cenográficos; vós, a expressão apropriada, mas colorida...

Por aquela época, de gorgeado e perfumoso alvorecer, Euclides da Cunha, que era do estofo men-

tal dos homens que aparecem de século em século, como de Couto de Magalhães dissera André Rebouças, comparando-o a Livingstone, construira o seu ciclópico livro OS SERTÕES, livro que, segundo a afirmativa de Afrânio Peixoto, «ficou sem resposta e, na substância, quasi sem comentário».

Pois bem: ainda hoje, agita-me o espírito a lembrança de que constituia uma das minhas tarefas, depois de preparadas as lições do dia seguinte, respigar, numa ansiosa procura, os termos "dificeis", intrincados, arrevesados—que os há, em profusão, naquele livro gigantesco, porquanto, ao que observava Nabuco, Euclides escrevia «com um cipó»—,e alinhá-los, em seguida, num papel, para, pelos dias adiante, afanar-me em decifrá-los, à luz do meu dicionário de João de Deus, então o único léxico do meu conhecimento...

Era, como se vê, a voluptuosa idolatria da sonoridade e da pompa da palavra... E o era de tal maneira que, por aqueles bons tempos—ao que acredito—,não compreenderia Machado de Assiz, quando, «aturdido e confuso, diante das imagens fulgurantes, em que lhe aparecia a estranha paisagem da terra cearense», delineada pela pena mágica de Alencar, «inculcava ao autor d-"O Guaraní"»—na enunciação da sua «eterna teoria das meias tintas e do claro-escuro»— «o caminho da *sobriedade* no estilo»... Como os tempos mudam!... *Tempora mutantur*... Porque, hoje, no tocante à forma, é este o meu modo de pensar, a que não sei se sou fiel na prática: «O melhor estilo é o que narra as cousas com simpleza, sem atavios carregados e inuteis...»

Haveis de lembrar-vos, ainda—e o vosso discurso, palpitantemente, o indica—, das nossas tertúlias do "Recreio Literário", que as galas e as vibrações da vossa palavra tornavam, sempre, empolgantes; onde, uma noite, José Paracampos, hoje renomeado pediatra, se fez ouvir, numa eloquente conferência sobre Castro Alves, entremeada, do começo ao fim, dos versos candentes do Poeta dos Escravos, expressão suprema dessa poesia que, na frase admirativa de Rui Barbosa, «é bela, dessa beleza indefinivel, ante a qual a alma não enumera, não esquadrinha, não argumenta: comove-se, quando não ajoelha: *é bella, perchè é bella*»; e, outra noite, Alberto Fiuza

Montezuma, num ensaio de crítica sobre Fagundes Varela, no qual—ao que nunca pude esquecer-me—o preclaro orador assim definia o poeta d-"O Cântico do Calvário": — «Fagundes Varela era um caso patológico»; e onde, finalmente, ouvindo as majestosas orações do Padre Melo e do Padre Emílio, era eu penetrado daquela «impressão de encantamento», experimentada por Nabuco, na sua primeira conversa com Renan, a qual o egrégio publicista brasileiro evoca, enternecidamente, nas páginas encantadoras da "Minha Formação"...

De tudo isso, Leonardo Mota, estareis, por sem dúvida, lembrado, fato conhecido que é, em psicologia, que não emurchecem, jamais, as nossas primeiras impressões...

Do que, possivelmente, não estareis lembrado é de que foi da vossa lavra o primeiro discurso que proferí na vida, aquele com que, no Ginásio de S. José, anunciei, à numerosa e fervilhante assistência, a representação de um drama, cujo título não mais me ocorre, mas em que desempenhava o papel de um anacoreta, de compridas barbas brancas e de escura e triste estamenha...

Mas... basta de recordar, embora, no dizer de Machado de Assiz, seja recordar o menos mau ou, ao que nota Alexandre Herculano, o venerando Solitário de Val-de-Lobos, recordar seja viver outra vez... Basta, sim, porque o tempo urge, outros deveres me chamam e preme-me a necessidade inelutavel de desobrigar-me da pesada, mas enternecedora, incumbência...

Meus senhores

Um dia, Humberto de Campos perguntou-se a si mesmo, lembrando-se da frase de Voisenon, e referindo-se a Manuel Bonfim: «Porque este homem não é ainda da Academia Brasileira ?»

Fazendo, a meu turno, minha a frase lembrada, não me posso ter que me não interrogue:—Como se pode compreender, Leonardo Mota, que ainda não façais parte da Academia Cearense de Letras? Vou adiante:—Como se concebe que o vosso nome, já então aureolado, não tivesse sido incluido entre os nomes dos reconstituidores da conspícua corporação? Vou mais alem:—Como acreditar-se que cin-

gisse a minha, e não a vossa cabeça, o insigne louro, o louro de "imortal", certo como é que eu fiz, sempre, do direito, no gabinete e no pretório, o objetivo precípuo das minhas elucubrações, quando vós, muito ao contrário, fizestes, sempre, do culto da arte literária, através do livro, do jornal e da tribuna, a vossa máxima, posso mesmo dizer—exclusiva preocupação?!...

Perdoem-me, se sou precipitado, ou se cometo um erro de apreciação: mas a verdade é que a exclusão do nome de Leonardo Mota, do rol dos sócios, que refundiram a Academia Cearense de Letras, se me afigura, como sempre se me afigurou, um ato de flagrante e indesculpavel injustiça...

Afinal—e antes tarde que nunca—a ínclita agremiação se apressa em repará-la, chamando-vos a preencherdes um dos claros, trazidos às suas fileiras, com o trágico e doloroso desaparecimento de um dos seus mais luzidos e intemeratos soldados—o inesquecivel José Sombra—, um espírito de eleição, que fez da ciência a religião de toda a sua vida, dando, assim, a mais integral realidade ao «pensamento do sábio historiador francês a quem Chateaubriand apelidou—Homero da História—: ...il y a, au monde, quelque chose qui vaut mieux que les jouissances matérielles, mieux que la fortune, mieux que la santé elle-même, c'est le dévouement à la science»...

E esta festa, senhores meus e meus nobres confrades, afirma-se-me, inquestionavelmente, como uma reparação...

Meus senhores

«E' muito mais facil escrever sobre os mortos que sobre os vivos. Primeiramente, porque a morte "fixa" todos os aspectos de um autor, ao passo que a vida permite todas as possibilidades de deflagração, que a vida humana nos dá. De modo que podemos estudar um morto "acima dele", considerando-o em conjunto, e, portanto, examinando todos os aspectos de sua obra e esclarecendo cada um, à equidistância dos demais. A morte, geometricamente representada, seria um "círculo"; a vida, um "cilindro" ou "viga". Numa «obra em curso», como James Joyce chamou ao seu último livro, estamos em face

de um pensamento itinerante, que pode trazer as maiores surpresas, pois a inteligência humana, graças a Deus, e a despeito dos deterministas, é o grande laboratório de imprevisto, com que corrigimos a monotonia intoleravel das cousas necessárias. Não podemos estudar os vivos "acima deles" e sim "no mesmo plano". De modo que há uma distância incomensuravel, que é a da ponta misteriosa da viga, a da proa do barco, com que, em vida, vamos, sempre, rompendo novos mares, e que representa, sempre, o ponto pelo qual o autor escapa às mãos impiedosas e aos olhos indiscretos dos críticos. Os mortos deixam, passivamente, que se levante a planta dos terrenos, que cultivaram, ou não, em vida. Ao passo que os vivos conservam, sempre, o gosto, tão humano, da contradição, com que gostam de desmentir os críticos, forçando a sua natureza, ou revelando aspectos inéditos da sua capacidade criadora. Os mortos, alem disso, não reagem pela presença. Ao passo que os vivos possuem essa estranha força catalítica, que perturba, nos mais serenos, a objetividade de toda compreensão crítica de suas obras. Por esses e outros tantos motivos é mais facil falar dos mortos que dos vivos, pois a morte pacifica as paixões e crea em torno dos seus filhos uma aura de saudade, que facilita todos os julgamentos, trazendo à inteligência essa gota de coração, que é como um óleo sutil, que amacia todas as engrenagens dialéticas.»

Estas palavras não são minhas, mas, sim, de Tristão de Ataide, e ornam um dos substanciosos capítulos do seu "O Espírito e o Mundo", cuja leitura meditada, ainda há pouco, terminei, sobremaravilhado, como sempre, com a cultura invulgar e o alto senso analítico do excelso ensaista.

Não pude, todavia, resistir à tentação de transladá-las, a despeito da extensão do respectivo enunciado, pois constituem um todo, homogêneo e indivisivel, na verdade do seu conceito central, e na das razões de convicção com que se justifica e fundamenta.

Com efeito, é muito mais dificil fazer a apreciação de um homem de letras vivo que a de um homem de letras morto. Quando não fosse por todos os motivos, em que assenta a argumentação do feste-

jado representante da publicística nacional, bastaria o fato de estarmos, sempre, em face de idéias que, sujeitas, pelas próprias contingências do espírito, em seu permanente *in fieri*, a mudarem de diretriz e a, perpetuamente, se renovarem, podem trazer, a todo momento, "as maiores surpresas" ao observador, desmentindo-lhe e contradizendo-lhe, muitas vezes, pontos de vista, até então considerados irrecusaveis, e que constituiam a razão de ser de muitas das suas afirmações.

O vosso caso, porem, Leonardo Mota, parece refugir a essa dificuldade. E' que a vossa obra (que a tendes, porquanto, desde cedo, vos convencestes de que «não ter obra é o não ser», no juizo incisivo de Ramalho Ortigão) tem obedecido, através de todos os tempos, no transcurso da sua evolução, a um plano e a um pensamento dirigente, qual o de revelar os nossos sertões, na sua psique, na sua vida imaginativa, nas suas tradições, na sua poesia, nos seus costumes, assim que se pode asseverar que. de corpo e alma que a ela vos dedicastes, se trata de uma obra definitivamente *"fixada"*, na análise da qual, por isso mesmo, pode a crítica, confiantemente, se exercer, e já se tem exercido, amplamente, entre outros, pelos autorizados julgamentos de João Ribeiro, Humberto de Campos, Agripino Grieco, Anibal Fernandes, Osório Duque-Estrada e Amadeu Amaral.

Senhores

O vitorioso evocador de "Massangana" tinha um caderno, de 1869, em que copiava as páginas que, em suas leituras, mais lhe feriam a imaginação —método, dizia ele, de educar o espírito, de adquirir a forma do estilo, e que o grande escritor morto recomendava aos que se destinam a escrever.

Seguindo essa trilha, tenho, não, apenas, um, mas diversos cadernos, em que me habituei a anotar, dos livros lidos, tudo o que interessa, ou possa interessar, à minha insaciavel curiosidade intelectual, somente comparavel à que Anatole France exprime, por este teor, em "La Vie en fleur": «J'aspirais à tout voir, tout savoir, tout sentir, à renfermer le monde entier en moi.»

Pois bem : num desses meus cadernos, que guar-

do como preciosos relicários, está anotado que Renan, o suave Santo Ernesto do agiológio leigo, como o cognominava Humberto de Campos, dera, ao autor de "Um Estadista do Império", o conselho, que este transmitiu à geração de literatos do seu tempo, de entregar-se aos *estudos históricos*, acrescentando que «não há, em regra, nada mais ingrato, nem mais fútil, do que a produção que o indivíduo tira toda de si».

Doutra dessas queridas anotações consta que Diderot advertia a um amigo: «Mon ami, faisons toujours *des contes*... Le temps se passe, et le conte de la vie s'achève, sans qu'on s'en aperçoive» — advertindo, de seu lado, Maurice Allem que, «em todos os tempos e debaixo de todos os céus, os homens tem amado *os contos*»...

Alfredo Pujol, numa das suas memoraveis conferências sobre Machado de Assiz, enfeixadas no livro que, na expressão de Medeiros e Albuquerque, «é o maior monumento que até agora foi erigido à memória do autor de Braz Cubas», refere que este, apreciando uma novela de Macedo, concitava-o «a cultivar *o romance literário*, o romance que reune o estudo das paixões humanas aos toques delicados e originais da poesia, meio único de fazer com que uma obra de imaginação, zombando do açoite do tempo, chegue, inalteravel e pura, aos olhos severos da posteridade».

Leonardo Mota, porem, sem embargo do estimavel dos conselhos e do abalizado dos conselheiros, pôs de lado as pesquizas históricas, em que se notabilizaram—para restringir-me aos cearenses—Capistrano de Abreu e o Barão de Studart, o primeiro tornando-se, pela «sua argumentação cerrada» e pela «precisão das suas conclusões», «juiz irrecorrivel nas matérias em que se especializou», salienta Humberto de Campos, acentuando: «A aposição da sua assinatura, sob um artigo, esclarecendo um ponto controverso, tinha o valor de um selo, lacrando uma carta.»

Deixou à margem o conto, em que se exercitaram, alviçareiramente, Herman Lima, em "Tigipió", e Antônio Furtado, em "Idéia Fixa", e o romance, em que, vitoriosamente, se assinalaram Domingos Olímpio, Antônio Sales e Jader de Carvalho, respectivamente, com "Luzia-Homem", "Aves de Arribação" e

"Classe Média", e que, ainda, constituiu o objeto, se fez o alvo das predileções intelectuais de Raquel de Queiroz e Fran Martinz, das quais são frutos opimos "O Quinze" e "Ponta de Rua".

Excluiu, outrossim, das suas preocupações, a crítica—esse «secretário do público», como a definiu, certa vez, Sainte-Beuve, «encarregado de redigir, cada manhã, o pensamento de todo o mundo»—, e na qual se distinguiram Adolfo Caminha, Rocha Lima e Araripe Júnior; a filologia, em que se enfibraram as envergaduras másculas de Heráclito Graça e Martinz de Aguiar; e as atividades jornalísticas (refiro-me ao jornalismo puro, cujo exercício fazia o supremo orgulho do autor das "Mémoires d'Outre Tombe", como se vê do seguinte diálogo, que Rui Barbosa rememora, travado entre o Presidente do Tribunal e o Réu, por ocasião do interrogatório, feito no curso do célebre processo, a que respondeu «o homem que escrevera o *Gênio do Cristianismo*, traduzira Milton e arrostara Bonaparte»: «—Acusado, vosso nome?—Francisco Renat, visconde de Chateaubriand. —Vossa profissão?—Jornalista.»), atividades essas nas quais se amestraram as penas privilegiadas de Valdimiro Cavalcante, H. Firmeza, Matos Ibiapina, Pedro Firmeza, Fernandes Távora e Andrade Furtado.

Disso tudo fez *tabula rasa* o valoroso recipiendário. Nado disso o enfeitiçou ou seduziu.

Mas atirou-se, com toda a *vis nutrix* de um ideal, longamente acalentado, aos domínios do nosso folclore, que é, aliás, depois da gramática, segundo o reparo de Humberto de Campos, «a província do conhecimento em que se observam maior balbúrdia e maiores desinteligências, em nossa vida de letras», onde, entretanto, pelos triunfos obtidos, vingou o nome de Leonardo Mota projeção nacional, com classificação na história da literatura brasileira.

Aí, nesses domínios, não vos limitastes, Leonardo Mota, a escrever com o espírito; escrevestes com toda a seiva vital, escrevestes com os músculos e com os nervos, como diria Sainte-Beuve, ao que Prado Coelho atesta.

Porque, de fato, fazendo a revelação dos nossos sertões, da alma e dos costumes sertanejos, através da sua poesia, das suas cantigas, da sua linguagem,

dos seus ditados, dos seus modismos, dos seus adágios, das suas superstições, das suas lendas, Leonardo Mota, na apreciação de Anibal Fernandes, «não é sertanista *boulevardier*», «nem fala de oitiva» sobre os assuntos de que trata. Ao contrário, tudo o que ele nos diz, tudo o que ele nos transmite, «é porque viu e porque viveu», «porque esteve ao lado do nosso homem rústico, intimamente, não como um viajante apressado, mas como um amigo, um camarada, um irmão, misturado com ele, integralizado no seu pensamento e nos seus sentimentos mais íntimos».

Valeu-lhe as expressivas antonomásias de «Embaixador dos Sertões», de «Larousse do mato», de «Anchieta do gênio dos repentistas caboclos», de «Rondon das letras matutas», de «Missionário da lírica plebéia», essa característica inconfundivel do seu sertanismo.

Vós mesmo, Leonardo Mota, destes-lhe relevo, dizendo, numa palestra, que intitulastes de "Musa Matuta":

«Quando de regresso da minha peregrinação, num inolvidavel serão de letras, no lar patriarcal do legendário Juvenal Galeno, tive de agradecer cativante preito da intelectualidade da nossa terra, assegurei o meu propósito de prosseguir na minha bem intencionada propaganda das virtudes rácicas da gente sertaneja, em quem Álvaro Fernandes descobriu o barro plástico, o sólido cemento e Euclides da Cunha descobriu a rocha viva da nossa nacionalidade.

«Diz-me agora a consciência que tenho sabido honrar os propósitos enunciados num instante fugaz de consolação e de conforto. Foi em cumprimento daquela promessa que, para a feitura de um segundo livro, ainda recentemente estive, durante meses, internado nos sertões da Paraiba, e é em satisfação daquele compromisso que estou, de vez em quando, a incursar no sertão cearense, indo surpreender no seu *habitat* os nossos cantadores, entregando-me ao contínuo trabalho de ceifa, nas próprias searas, da abundante messe poética da alma da nossa gente. Dou, destarte, aos meus contemporâneos, a certeza de que não recorro a cartas nem me louvo no informe de terceiros, para dizer de gentes e cousas

do sertão. Tudo quanto digo foi por mim visto e ouvido *in loco*, ao pé das violas, integralizado na vida matuta, a que frequentemente me restituo.

«Se os meus esforços vão aproveitar à nossa esquecida literatura folclórica, não devo ser quem o reconheça, nem muito menos quem, cândida ou tonitroantemente, o proclame! O que espero da crítica é a justiça de me não aparceirar com aqueles escritores que fazem o «sertanismo de indução» e aos quais se refere o publicista baiano Afonso Costa: «artistas de gabinete que, postos em torno dos eflúvios de flores de estufa e de jarras de Sèvres ou cristais de Baccarat, imaginam criações de cenas, de paisagens, de tipos e cousas do sertão e soltam a pena corredia para as narrativas sertanejas, quando o não fazem por meio de informações que já lhes vieram com a eiva de falsificação».»

Em verdade, não há confundir-vos com os que, no assunto, tem feito obra de mero tradicionalismo "de fachada", se assim me posso exprimir, de tradicionalismo de pura fantasia, qual parece ter ocorrido com Afonso Arinos, que, se bem «tinha todos os entusiasmos possiveis pelas nossas tradições e pelas nossas lendas», «amava essas cousas a distância», observava-as de longe, imaginava-as, mesmo, confinado nas quatro paredes da sua opulentíssima biblioteca, e sobre elas escreveu, metido nas suas lãs e de envolta com os seus livros.

Diferente, porem, de toda essa gente—e nessa circunstância reside o traço superior, que dela vos distingue—, fizestes, com sacrifício vosso, obra vivida e revivida, indo apanhar o sertanejo no seu meio, sentindo-lhe os amores rudes, a religiosidade supersticiosa, as alegrias explosivas, a mordacidade inocente, a ironia com que «sabe rir-se dos outros e de si mesmo», as valentias, as bravatas, as fanfarronadas, «copiando-lhe a alma ao natural, tomando-lhe em flagrante o sentimento, o gosto, todas as tonalidades fugidias do seu espírito perspicaz e inculto».

Mas, afinal, do seu contacto com os sertões e com os seus habitantes, que nos trouxe Leonardo Mota?

Trouxe-nos—ao que diz Agripino Grieco—esses «documentos que esclarecem a vida dos nossos liristas e humoristas rústicos, os nossos últimos boêmios,

às voltas com um romanceiro meio selvagem, em que se retratam, e à sua região, cândidos e cínicos, rindo-se da própria miséria e da riqueza alheia».

Trouxe-nos, com os perfís morais, pinturescamente tracejados, de Sinfrônio, que «cegou quando tinha apenas um ano de idade», de Jacó Passarinho, «apreciador dos trocadilhos», de Azulão, «uma de cujas características é o entono com que pronuncia todas as letras e sílabas de um vocábulo hediondamente deturpado», do Cego Aderaldo, de Luiz Dantas Quesado, de «prodigiosa memória», de Serrador, «destro nos repentes», de Anselmo, «fecundíssimo no descante de xácaras», essa abundantíssima coleção de quadrinhas, romances, trovas, emboladas, desafios, quasi sempre cantados ao som gemebundo e dolente das violas, essa coleção fartíssima de fábulas, lendas, superstições, anedotas, poesias religiosas, historietas de fundo moral, essa riquíssima coleção de vocábulos sertanejos, adágios, anexins, modismos, todas as quais constituem a preexcelente tessitura de "Cantadores", de "Violeiros do Norte", de "Sertão Alegre" e de "No Tempo de Lampeão", tendo dito João Ribeiro, sobre o primeiro indicado, que era um dos livros mais interessantes do ano, «pela profusão, riqueza, espírito e graça», qualidades essas tanto mais apreciaveis—acrescentava ele — «quanto o seu autor propositadamente evitou repetir o que andava já conhecido e vulgarizado por seus precursores».

No último deles, alem do mais, Leonardo Mota expõe, em toda «a nudez forte da verdade», como diria Eça de Queiroz, a infernal congérie de atrocidades, de insânias, de crimes, praticados por Virgolino Ferreira e seu bando, na sua sinistra marcha através dos nossos desprotegidos sertões, e o faz com a altiloquência de quem clama, dos Poderes Públicos, por medidas decisivas, conducentes à inadiavel extirpação do cancro social, que nos enxovalha e desmoraliza, do banditismo e do cangaço.

Senhores

Na divisão tripartida dos nossos folcloristas, Leonardo Mota pertence, como resulta do que dissemos, ao primeiro grupo, ao grupo dos colecionadores, de que foi chefe Sílvio Romero, sobre quem, entretanto, prima, indiscutivelmente, porque, ao contrário do seu

antecessor, a sua colheita é de primeira mão, consequência de uma ligação pessoal, íntima e direta, com a vida e a alma sertanejas.

Joaquim Ribeiro, realmente, definindo a situação atual dos estudos folclóricos, nas letras brasileiras, escreveu: «Há duas maneiras de encarar o folclorista: o colecionador de tradições e o investigador e exegeta. Sílvio Romero foi unicamente coligidor; criou escola e tem uma infinidade de seguidores. João Ribeiro, ao contrário, é unicamente investigador, e se não despertou ainda grande número de discípulos, alguns há, contudo, que constituem, já, uma indiscutivel consagração. Lindolfo Gomes reune em si as qualidades de perspicaz coligidor às de eruditíssimo investigador...». E conclue: «Já, aí, divisamos as três escolas do nosso folclore: a de Sílvio Romero (ou dos colecionadores); a de João Ribeiro (ou dos investigadores); a de Lindolfo Gomes (ou escola eclética).»

Humberto de Campos, impugnando, embora, a denominação de escolas, dada a esses três grupos (que assim os chama), afirma parecer-lhe «que é essa, de fato, neste momento, a distribuição da atividade brasileira, no domínio do folclore». E, depois de consignar que «cada uma dessas especialidades reclama capacidades especiais», coloca, efetivamente, Leonardo Mota, segundo afirmamos, entre os colecionadores, ou seja, entre os discípulos do eminente sergipano, que tanto indagou de cousas e homens do Brasil e, sobre umas e outros, tanto, e tão magistralmente, escreveu.

O digno recipiendário, porem, mais do que qualquer outro dos sectários de Sílvio Romero—pelo direto das fontes onde bebeu—, fornece materiais mais garantidos e, por isso mesmo, menos faliveis e mais eficientes para fecundas conclusões e altas sínteses, nas excogitações da nossa sociologia.

Senhores

Voltaire falava, nas suas "Memórias", do «*estrabo* das letras», queixando-se da guerra que ele lhe fazia. E acentuava: «Aí está o fruto dos meus trabalhos; mas eu facilmente me consolo, ora no meu retiro de Cirey, ora na boa companhia de París.»

Rousseau, de seu lado, flagelou e fulminou as letras, achando-as funestas e nocivas para o homem—

paradoxalmente, adverte Maria Amália Vaz de Carvalho, porque as servia e adorava— e considerando a sua paixão por elas «a causa de todos os seus infortúnios».

Por sua vez, grita, em apóstrofe desvairada, Humberto de Campos: «Porque não desceu sobre a minha inteligência nascente o véu de cinza que, agora, me ameaça os olhos cansados, para que me não penetrasse o espírito, com a intimidade daquelas vinte-e-cinco letras, a paixão por este vinho diabólico, que me embriaga, e que me faz correr, cambaleante e impotente, dia e noite, na vã perseguição da Ventura e da Verdade?»

Não sei, Leonardo Mota, se pensais assim... Aliás, se assim pensais, não me consta que, desse modo, e em algum tempo, vos tivesseis enunciado...

Não sei, ao contrário, se tendes achado, nas letras, essas inefaveis suavidades, tão gabadas, há dois mil anos, por Cícero proscrito . . . . O certo, contudo, é que—ou as considerasseis anjo ou demônio — madrugastes, na vida, de mãos dadas com as letras e tendes vindo às voltas com as letras, pela vida fora...

Madrugastes na vida, de mãos dadas com as letras, sim, porque, ao contrário do autor do "Émile", que tinha mais de quarenta anos, quando se lembrou de escrever, começastes a escrever, menino ainda, quando, meu condiscípulo no Ginásio de S. José, vos desentranhaveis em lindos poemas e rebentaveis em discursos cintilantes, com que encantaveis os vossos ouvintes, aos acentos emotivos da vossa eloquência arrebatada...

E às voltas com as letras, pela vida fora, é que vos constituistes, alem de cultor do nosso folclore, o exímio conferencista, ressumbrante de graça, de *verve*, de conceito sutil, e do qual fala alto, alem de outros, esparsos pelos vossos livros, esse capítulo de "Prosa Vadia" a que destes a seguinte epígrafe: «A cousa melhor deste mundo»—, e onde escrevestes, copiosamente, o elogio da mentira, não duvido que com alta e filosófica compreensão, porque, no dizer de Anatole France, se a humanidade tem necessidade da verdade, tem, de certo, muito maior necessidade da mentira, «qui la flatte, la console, lui donne des espérances infinies». «Sans le mensonge—

explica o ático ironista de "Les Opinions de M. Jérôme Coignard"—elle périrait de désespoir et d'ennui.»

Pela vida fora, às voltas com as letras, é que lograstes ser o interessantíssimo cronista, o invejavel manejador desse gênero literário, «ressuscitado, em França, a meio do século passado, pela alacridade estonteante de Eugène Guinot», e que o velho Larousse achava talvez a cousa mais dificil de definir...

Às voltas com as letras, pela vida fora, é que, finalmente, sem terdes «propósitos de escolas», nem vos sujeitardes «a dogmas e preceitos estabelecidos», fostes, sempre, um incorrigivel e impenitente enamorado da beleza, sem dúvida convencido de que ela traz consigo, segundo a fórmula do crítico de "La Vie Littéraire", uma verdade mais alta e mais profunda do que a própria verdade: «J'oserai dire qu'il n'y a de vrai au monde que le beau.»

Leonardo Mota

É já assaz notavel a vossa bagagem literária. Em plena elaboração intelectual, como vos mantendes, estais, entretanto, no caso de aumentá-la e enriquecê-la com novas produções. Aliás, prometeis-nos trazer à luz, alem de "Padaria Espiritual" e "Cabeças Chatas", o vosso principal livro, que é o "Adagiário Brasileiro", «alentada coletânea de quasi cinco-mil expressões coletivas, que tem curso em nosso país, e que são paralelizadas com as correlativas em francês, italiano e espanhol—primeiro vultoso estudo, que se faz, da paremiologia, inexplorado setor do nosso folclore»...

Assim o fazendo, é claro que, sobre conquistardes outros troféus, na região encantada das letras, tereis contribuido para exalçar o nome da ínclita corporação, um de cujos postos acaba de ser-vos designado.

E ela assim o espera...

Agora, empossando-vos na cadeira de José Sombra, que, tão merecidamente, passais a ocupar, a Academia vos manda, por meu intermédio, os seus cumprimentos e prolfaças, apertando-vos as mãos, em efusivo e cordeal *shake-hands*.

Sede bem vindo.

Tenho dito.